

*A palavra revidada:  
um estudo sobre Querem nos  
calar - poemas para serem lidos  
em voz alta*

*The word repeated: a study on they want to shut us up -  
poems to be read out loud*

Ariandna Soares de Lima<sup>1</sup>  
Moama Lorena de Lacerda Marques<sup>2</sup>

**Resumo:** Destacando-se em meio à diversidade da poesia brasileira de autoria feminina, o *poetry slam* tem se tornado palco em espaços sociais de reivindicação, utilizando a poesia em seu caráter manifestador, democrático e pautado na liberdade de expressão. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo investigar, nessa poesia, a desarticulação dos silenciamentos historicamente impostos às mulheres feita pelo sujeito lírico feminino por meio da reivindicação da posse da fala. O *corpus* é constituído por poemas que compõem a antologia *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, organizada por Mel Duarte, a saber: “não” (Bell Puã), “EU, MANIFESTO” (Danielle Almeida), “MANIFESTO” (Luiza Romão) e “não serei anônima” (Ryane Leão). Metodologicamente, dividimos em duas categorias a análise dos poemas: *Não seremos anônimas*, que ressalta o rompimento dos silenciamentos vivenciados pelas mulheres, e *Nós manifestamos*, que trata da palavra como revide e sinônimo de resistência. Essas categorias são apreendidas observando-se textualmente a inserção da voz e do corpo femininos. Por fim, em termos teóricos, nos apoiamos nos estudos de Bell Hooks

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [ariandnalima@gmail.com](mailto:ariandnalima@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9733-9622>.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB). Professora de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [moamalorena@gmail.com](mailto:moamalorena@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3569-1601>.

(2020), Djamila Ribeiro (2017), Roberta Estrela D'alva (2019), Audre Lorde (2020), entre outras e outros.

**Palavras-chave:** autoria feminina; *poetry slam*; corpo; voz.

**Abstract:** The *poetry slam* stands out amidst the diversity of Brazilian female poetry and has become a stage in vindication social spaces, using poetry in its demonstrative, democratic character, based on freedom of expression. In this sense, this paper aims to investigate, in this poetry, the disarticulation of the silencing historically imposed on women made by the female lyrical subject through the claim of speech possession. The corpus consists of poems that make up the anthology *They want to shut us up: poems to be read aloud*, organized by Mel Duarte, namely: "no" (Bell Puã), "I, MANIFESTO" (Danielle Almeida), "MANIFESTO" (Luiza Romão) and "I will not be anonymous" (Ryane Leão). Methodologically, we divide the analysis into two categories: *We will not be anonymous*, which highlights the disruption of the silences experienced by women, and *We manifest*, which treats the word as retaliation and synonymous with resistance. These categories are apprehended by observing verbatim the insertion of the female voice and body. Finally, in theoretical terms, we rely on the studies of bell hooks (2020), Djamila Ribeiro (2017), Roberta Estrela D'alva (2019), Audre Lorde (2020), among others.

**Keywords:** female authorship; *poetry slam*; body; voice.

Boitató, Londrina, 2024  
Recebido em: 16/02/2024  
Aceito em: 29/03/2024



## A palavra revidada: um estudo sobre *Querem nos calar - poemas para serem lidos em voz alta*

Ariandna Soares de Lima  
Moama Lorena de Lacerda Marques

### Introdução

Este trabalho se volta para a poesia *slam* feita por mulheres, particularmente aquela na qual estão inscritas as potências da voz e do corpo como elementos centrais. Poética que circula nas ruas, para além do livro físico, é tida como uma produção de revide, alcançando um domínio, ao mesmo tempo, poético e político. Assim a consideramos porque visa a um lugar de fala que proporciona a liberdade de expressão e a desarticulação dos silenciamentos impostos às mulheres nas esferas sociais e culturais por meio da reivindicação da posse da palavra.

A poesia *slam* surge como um plano de produção oral voltado para a performance, que proporciona uma relação com o público externo através de apresentações de poemas declamados ao vivo em batalhas de poesia, os quais são analisados por um júri popular atento ao desempenho e à elaboração do que está sendo apresentado. No caso deste trabalho, é dado como enfoque o *slam* de autoria feminina, sinônimo de manifestação artística e representatividade que proporciona discussões sobre uma sociedade organizada com base na discriminação e no preconceito estruturais, os quais afetam grupos minorizados. Sendo assim, é necessário pensar o *slam* enquanto um projeto democrático que abarca uma manifestação literária de resistência e intervenção nos espaços político-sociais. Em acordo com Duarte (2019), temos que:

A importância em se criar um *slam* com essa configuração é histórica, pois a sociedade em que vivemos nos cria para obedecer sem questionar, para os afazeres domésticos, para a subserviência, mas não para nos posicionar, para sermos propositoras, para subir num palco e pegar um microfone, e quando assim fazemos, somos interrompidas, desvalorizadas. Dessa forma, nós crescemos com o peso do silenciamento, mas logo entendemos que, se não há espaços que nos valorizam, nós devemos criá-los (Duarte, 2019, p. 15).

Um desses espaços criados para promover a visibilidade e a valorização do *slam* feito por mulheres é a antologia *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, corpus de análise deste trabalho. Organizada pela poeta Mel Duarte, a obra reúne *slammers* de diversas localidades do país, configurando-se como uma experiência importante da poesia contemporânea, ao registrar o poder da palavra feminina como sinônimo de confronto e resistência, num cenário em que esse revide, enquanto manifestação poética, ainda é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade imperiosa. Ao atuar pela desarticulação da subserviência, essa produção combate a cultura do silenciamento e da repressão. Pensar, pois, a produção



literária de autoria feminina dessa antologia enquanto poesia-manifesto e proposição de luta nos remete ao pensamento de Evaristo (2019, p. 19-20) presente no prefácio da obra: “Tudo na antologia comemora a posse da palavra em consonância com a posse do corpo-mulher, em sua autodescrição. E nesse ato se afirma a mulher que se nomeia, a que fala e que por isso se torna invencível”.

Isto posto, nosso trabalho tem como objetivo investigar, em poemas metalinguísticos da obra, como as mulheres quebram os silenciamentos historicamente impostos a elas, a partir do sujeito lírico feminino, por meio da reivindicação da posse da fala. Nele, tem-se a propositura de: 1) analisar o uso de recursos linguísticos recorrentes nessa reivindicação, a exemplo do advérbio de negação “não”; 2) investigar, na tomada de posse da fala, a inscrição do corpo como instrumento de luta e (r)existência; 3) compreender o movimento de articulação feito pelo sujeito lírico feminino entre uma voz individual e a voz coletiva de outras mulheres. No decorrer das análises, especulamos a relação entre gestos indissociáveis de fala e escuta, numa perspectiva de poesia-manifesto que reconhece na palavra um importante instrumento de luta pelo direito à voz e à vida de sujeitos, especialmente de mulheres, que são alvo das violências de Estado.

O *corpus* está centrado na análise de quatro (4) poemas, a saber: “não” (Bell Puã), “EU, MANIFESTO” (Danielle Almeida), “MANIFESTO” (Luiza Romão) e “não serei anônima” (Ryane Leão). Em razão do grande número de textos da edição, escolhemos estes como os mais representativos quando consideramos a reivindicação da posse da palavra. A fim de abordá-los, elegemos duas categorias de análise: a primeira referente aos rompimentos dos silenciamentos e a outra correspondendo ao caráter de manifestação da palavra como sinônimo de resistência. Nos versos selecionados, observaremos como a perspectiva da voz e do corpo forja um espaço de liberdade de expressão dentro de uma sociedade que carrega, enraizada em sua estrutura, a cultura do silenciamento.

### **A poesia *slam* de autoria feminina**

O *slam* chega ao Brasil em 2008 através de Roberta Estrela D’alva, atriz, *slammer*, pesquisadora e diretora musical, quando a poeta inaugura o primeiro *slam* de poesia brasileira: o ZAP – Zona Autônoma da Palavra. Atualmente, existem vários grupos de *slam* pelo país. Há cerca de mais de duzentas (200) comunidades espalhadas por, aproximadamente, vinte (20) estados no Brasil e, em oito (8) delas, temos batalhas só de mulheres (Duarte, 2019). Essa poesia de caráter denunciativo ganha projeção no país e, conseqüentemente, o surgimento de outras comunidades. De acordo com Volmer, Souza e Conte (2020, p. 64):

Ao vislumbrarmos o *Slam* sob a ótica polifônica, depreendemos que este é, em essência, um movimento sociocultural no qual os poemas, as diferentes vozes dos *slammers* e do público encontram o *cronotopo* para fazerem reverberar seus múltiplos discursos, por meio da partilha de poemas e lutas. Nesse sentido, ao concebermos o *Slam* como palco para que as vozes à margem se manifestem, consideramos que ele também seja um importante lugar de fala que rompe com o silenciamento forçado dessas vozes.

Temos como um bom exemplo de grupos de *slam* o “*Slam* das minas”, que dá enfoque à autora feminina. Essa comunidade surgiu em Brasília no ano de 2015, quando os espaços de



batalhas eram predominantemente masculinos, e ganhou novas vozes em outros estados brasileiros. Nessas competições, as poetisas oralizam suas poesias autorais, por meio das quais costumam veicular diversas pautas políticas, como as feministas. O “*Slam* das minas”, havendo ganhado força, especificamente, no estado de São Paulo, expandiu-se, registrando desabafos poéticos sobre a conjuntura de violência estimulada e mantida pelo sistema moderno-colonial. É uma poesia, portanto, que luta contra o racismo, a homofobia, o machismo, a xenofobia, dentre outros problemas estruturantes desse sistema. Como tão bem anuncia D’Alva (2011, p. 11),

O *slam* é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não). É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta .

Sendo assim, as poetisas do *slam* têm sido protagonistas na luta por direitos de coletividades minorizadas, através de uma produção literária de denúncia e revide, que atua indo de encontro aos ataques à democracia, à liberdade de expressão e às diversidades. Essa atuação nós poderemos conferir quando da análise dos poemas selecionados, feita a seguir.

### **Não seremos anônimas**

No poema “não”, a poeta Bell Puã traz a questão do lugar de fala a partir da perspectiva do pertencimento coletivo. Isabella Puente de Andrade, com seu nome artístico Bell Puã, é cantora, compositora, atriz e poeta, “nascida entre o mangue e o sol da cidade do Recife” (Duarte, 2019, p. 196). Consciente da sua representatividade dentro do *slam*, ela traz, a partir do sujeito lírico feminino, a reivindicação de que todas as mulheres precisam ter convicção do seu poder e da importância de resistir através da fala, quebrando os silenciamentos. Reproduzimos o poema “não” em seguida:

**não**  
eu não falo  
pelas mulheres  
chega de sermos  
interrompidas

não  
eu não falo  
pelas mulheres  
quero ouvi-las (Puã, 2019, p. 32).

Nele, a poeta enfatiza a importância da articulação de dois gestos, a fala e a escuta, indissociáveis quando se almeja a prática da sororidade, aqui compreendida, junto a pensadoras como Hooks (2020, p. 36), como uma solidariedade política que



[...] vai além de reconhecimento positivo das experiências de mulheres, e também da compaixão compartilhada em casos de sofrimento comum. A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado.

No poema, o que temos é justamente esse comprometimento compartilhado contra a injustiça patriarcal, expressa na interrupção à fala feminina, no veto à escuta desta. Esse comprometimento, aliás, já está registrado na negativa do título, o advérbio “não”, que pode ser lido como uma resposta firme aos silenciamentos que o patriarcado impõe. Mais do que dizer “não” a essa imposição, a voz lírica se nega a atuar como uma espécie de porta-voz de outras mulheres, não por uma ausência de compaixão compartilhada, para continuar usando as palavras de Hooks (2020), mas por reconhecer que o direito à fala deve ser de todas as mulheres. Dessa forma, o que se busca não é falar pelas outras, mas falar com as outras e exercer uma escuta ativa em relação a essas falas, incluindo as pautas de reivindicação específicas de determinados grupos de mulheres. Em outras palavras, ao instante em que reconhece sua voz manifestada no poema como um exercício importante de fala, a garantia do direito individualizado não lhe basta, é preciso convocar e saber audível a voz das outras mulheres. Assim, Bell Puã (2019, p. 32) se aproxima do que orienta outra poeta e pensadora, a estadunidense Audre Lorde (2020, p. 54):

Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo. [...] e nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para serem ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida.

O “não” isolado no primeiro verso da segunda estrofe, que reforça o que já está expresso no título, provoca uma pausa incisiva no ritmo, constituindo, justamente, um reforço na insistência do rompimento do silenciamento ao qual se refere Lorde (2020). Enquanto recurso estilístico de repetição, podemos, pois, inferir que esse “não” é um instrumento de afirmação e resistência através da insistência, com a voz lírica feminina buscando autonomia dentro de um espaço, predominantemente, patriarcal.

Essa voz estabelece um diálogo com seu interlocutor e, ao mesmo tempo, utilizando a primeira pessoa do plural, se inclui dentro dessa opressão marcada pela diferença de gênero. Essa reivindicação pelo protagonismo feminino num espaço de fala que seja igualitário remete ao pensamento de Ribeiro (2017, p. 36):

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência.



No segundo poema, Ryane Leão, “professora e poeta cuiabana que vive em São Paulo”, aborda a importância do grito, da palavra como revide, do verbo como símbolo de resistência. Ela traz em seus textos suas dores e vivências enquanto mulher preta e lésbica (Duarte, 2019, p. 198).

Partindo do pressuposto de que vivemos em uma sociedade regida por hierarquias estabelecidas que impactam profundamente as classes minorizadas, Ryane Leão (2019) levanta uma reflexão acerca dessas múltiplas vivências e opressões que são atravessadas pelas categorias interseccionais de gênero, classe, raça, entre outras, na vida das mulheres. Leiamos os versos:

### **não serei anônima**

falarei meu nome repetidas vezes  
contarei sobre todas as que vieram  
antes de mim  
uma por uma  
não adianta tapar os ouvidos  
porque cicatriz aberta  
não ecoa só por fora  
mas por dentro  
verão minha existência  
escorrendo  
em todos os becos  
em todos os muros  
em todas as margens  
em todos os centros

se toda história importa  
e se só podemos mudar  
aquilo que nomeamos  
então seremos obras  
com título, início, meio  
e sem fim

audre lorde já dizia  
se erga, diga EU SOU  
e ninguém poderá te apagar  
teu silêncio  
não vai  
te proteger

então grite  
isso não vai te fazer  
inabalável  
mas toda mulher que fala  
é invencível (Leão, 2019, p. 187-188).





O poema é composto por quatro (4) estrofes, constituído por 31 versos, que retratam a importância da fala para romper com o silenciamento continuamente imposto às mulheres. A primeira estrofe evidencia algumas das que antecederam a luta permanente em prol do combate ao patriarcado e nos faz pensar sobre as desigualdades e opressões sofridas. É imprescindível ressaltar suas histórias e vivências, não permitindo o apagamento dessas memórias, pois as trajetórias dessas mulheres interessam e devem ser contadas por meio dessa reivindicação da fala/palavra. É preciso, ainda, levar em consideração a questão do empoderamento feminino, que traz à tona um lugar de fala e de escuta que se torne presente, de forma a identificar e problematizar as relações de opressão na sociedade brasileira. Como aponta Berth (2018, p. 42), “empoderamento é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada pelo lugar de fala se desenvolva de maneira plena e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos”.

As estrofes são forjadas no recurso da repetição, que potencializa e reivindica um lugar de fala e reconhecimento que a poeta faz questão de reiterar. Essa afirmação e insistência em dizer o nome repetidas vezes permite que ela possa encontrar-se em um lugar em que seja ouvida, combatendo o apagamento e o silenciamento impostos. Similar à estratégia também utilizada por Bell Puã, a utilização do advérbio de negação “não” no próprio título ilustra bem esse combate. É possível perceber também a potencialidade da repetição do pronome “todos”, pois, como diz nos versos “verão minha existência/ escorrendo/ em todos os becos/ em todos os muros/ em todas as margens/ em todos os centros” (Leão, 2019, p. 187), é evidente que, se sua existência enquanto mulher escorre, como se fosse sangue, pelas ruas, em cada canto delas, a sua fala também se amplia e ecoa. Esse grito é instrumento do escoamento de sua existência.

Leão (2019) traz uma discussão pertinente na segunda estrofe sobre esse apagamento que foi imposto às mulheres, enfatizando suas histórias e experiências, que são capazes de mudar os diversos âmbitos sociais por meio de luta, por meio da palavra: “se toda história importa/ e se só podemos mudar/ aquilo que nomeamos/ então seremos obras/ com título, início, meio e sem fim” (Leão, 2019, p. 187). Nesses versos, ela já se aproxima de Audre Lorde (2020), cujo pensamento também ressoa no primeiro poema analisado, como mostramos anteriormente, pois eles sugerem um compromisso com a linguagem no sentido de romper silêncios e, mais particularmente, com a poesia e o seu poder de nomear: “É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado” (Lorde, 2020, p. 47).

Já na terceira estrofe, devidamente nomeada, Audre Lorde, elo forte da rede ancestral de mulheres citada no começo do poema, aparece ao ponto de ouvimos diretamente a sua voz, em uma espécie de síntese do seu pensamento: “EU SOU/ e ninguém poderá te apagar/ teu silêncio/ não vai/ te proteger” (Leão, 2019, p. 187). No entanto, a voz de Lorde pode ser lida como a própria voz da poeta Ryane Leão: “[...] Porque sou mulher, sou negra, sou lésbica, porque sou quem eu sou” (Lorde, 2020, p. 53).

Esse alcance amplo que ela pretende realizar com a potência de sua fala, principalmente quando se trata do verso “se erga, diga EU SOU”, em que o uso da caixa-alta proporciona a potencialidade do grito e de sua emancipação, nos leva a pensar que a performance vai muito além do corpo, estando também na voz. Por meio desta, há a expressão da sua autonomia e do seu poder de fala, nos provocando a pensar no quanto o silêncio seria prejudicial e perigoso:

Porque a máquina vai tentar nos reduzir a pó de qualquer maneira, quer falemos, quer não. Podemos ficar eternamente caladas pelos cantos enquanto





nossas irmãs e nós somos diminuídas, enquanto nossos filhos são corrompidos e destruídos, enquanto nossa terra é envenenada; podemos ficar caladas a salvo nos nossos cantos, de bico fechado, e ainda assim nosso medo não será menor. (Lorde, 2020, p. 54).

Nos versos, ela não apenas afirma a autonomia da sua fala, como convoca as outras à fala, ao modo do que pensa Tiburi (2018, p. 34): “quando lutamos por um lugar de fala lutamos pelo lugar de todos”.

Finalmente, quando lemos a última estrofe, percebemos que há uma gradação. O poema começa com o verbo “falar” e termina com grito, que podemos ler como a potencialização da fala: “então grite/ isso não vai te fazer/ inabalável/ mas toda mulher que fala/ é invencível” (Leão, 2019, p. 188); espécie de conclusão da estrofe anterior, ou seja, dos riscos de se manter em silêncio, o poema termina convocando a intensificação da voz.

### **Nós manifestamos**

No primeiro poema da segunda categoria de análise, a poeta e atriz Danielle Almeida, “criada na periferia de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no bairro Moreninha” (Duarte, 2019, p. 196), reflete sobre a conjuntura da política atual, a partir de um posicionamento e uma opinião política particulares.

Trazendo como centralidade uma crítica a regimes fascistas, Almeida aborda o manifesto enquanto uma resposta a um Estado que oprime e que mata constantemente os corpos que não importam para ele. Seu poema é uma declaração de repúdio e resistência às estruturas de poder antidemocráticas; estruturas estas que ampliam as desigualdades sociais e as injustiças, promovendo políticas de morte. Vejamos o poema:

#### **EU, MANIFESTO**

Em tempo de fascismo declarado  
Me declaro antifascista  
Antinazista  
Nazistas  
Que arrancam a pele pra marcar suásticas  
Que escrevem no muro: “Morte aos pretos”  
E desenham mais símbolos de terror e ódio  
E destilam ódio dando pedradas na cabeça de estudantes  
Ou as doze facadas que mataram Moa, em nome do coiso  
Me declaro antifascista  
Depois de um primeiro turno da tal dita democracia  
Ataques de ódio e desrespeito, mortes sendo confirmadas  
Não era sobre isso que queria escrever  
Mas eu preciso transcrever a minha angústia, assim  
Em versos quebrados  
Dessa forma resisto  
Dessa forma existo  
Mantenho minha cabeça e meus punhos erguidos  
Mesmo em meio a tantas ameaças



Eu protesto!  
Eu, manifesto! (Almeida, 2019, p. 77).

O poema é constituído de uma única estrofe, apresentando 21 versos, nos quais a voz lírica realiza denúncias e se declara a favor da vida diante de um governo estruturado a partir de políticas de repressão e de morte. Os sentidos atribuídos ao título podem simular na palavra “manifesto” uma função de aposto, verbo e substantivo. Na leitura, por exemplo, nós podemos eliminar a vírgula, o que provoca um sentido da ação do verbo por parte da voz lírica, que manifesta, em síntese, a vida diante de políticas de morte. Como substantivo e aposto, simultaneamente, mantendo a vírgula, o “eu” é todo ele, voz, corpo e ideias, o próprio manifesto, posicionando-se contrário aos governos de morte: ao fascismo, é antifascista; ao nazismo, antinazista.

Contrária às políticas de morte e como uma resposta ao apagamento que elas promovem, a voz lírica registra nomes, dando visibilidade a trajetórias de pessoas que fizeram história enquanto sujeitos de luta, como é o caso de Moa do Katendê, nome relevante da cultura afro-brasileira, brutalmente assassinado com doze facadas pelas costas depois de declarar voto após o primeiro turno das eleições de 2018.

Discorrendo sobre a importância da palavra escrita manifestada contra tais políticas, a voz lírica expõe que, mais do que escrever, é necessário transcrever, buscando um vínculo mais estreito com a realidade vivida. E a transcrição é feita porque o poema trabalha com dados/fatos, bem como com as emoções e sensações resultantes deles. O manifesto extrai da violência dessa realidade os elementos para a sua construção: “Não era sobre isso que queria escrever/ Mas eu preciso transcrever a minha angústia, assim/ Em versos quebrados/ Dessa forma resisto/ Dessa forma existo/ Mantenho minha cabeça e meus punhos erguidos/ Mesmo em meio a tantas ameaças/ Eu protesto!/ Eu, manifesto!” (Almeida, 2019, p. 77).

Assim sendo, a escrita, ou transcrição, expressa no manifesto é mais do que uma vontade da poesia, é uma necessidade. A escrita é, pois, um instrumento de luta e revolta, as quais são reafirmadas no corpo do poema, também sendo registradas as dores e angústias dessa mulher que, apesar de viver sob um regime fascista, resiste, sendo a palavra manifestada instrumento importante dessa resistência; resistência que é um modo de existência e que se dá continuamente, em meio às ameaças, mantendo a cabeça e os punhos erguidos, gestos que podem ser lidos como símbolo do ato de escrever, mas também da expressão da luta pública.

Por fim, um manifesto é um texto feito para circular, para ser lido, ouvido. Nesse sentido, os gestos de escuta/leitura são tão importantes quanto o da escrita. Utilizando-se dessa relação dialógica, remetemos ao pensamento de Silva (2019, p. 1) sobre a antologia em análise:

Os textos de *Querem nos calar* (2019) salientam que não basta estar no mundo: é preciso ser ouvida. E tendo em vista que a literatura é um direito humano, essas vozes em refrão na literatura brasileira perpetuam suas existências através da escrita, reiterando que as práticas de apagamento e quietude, com elas, não funcionam: as vozes possantes que ecoam por meio de seus textos sempre falarão mais alto, mostrando-se explícitas, originais, assumidamente em desajuste com a norma.



No segundo poema, Luiza Romão também reflete sobre a poesia como forma de denúncia. Poeta, atriz e *slammer*, ela aparece com recorrência na cena literária brasileira, tendo, em 2022, recebido os prêmios Jabuti de melhor livro de poesia e livro do ano.

Romão traz em seus escritos uma proposta de desestabilização da lógica do sistema capitalista-patriarcal, e o faz, predominantemente, através de versos repletos de analogias com instrumentos de luta. Vejamos o poema:

### MANIFESTO

poesia é a palavra em estado de lança-  
-chamas que faz mijar na cama  
quando não samba  
é lama em pé de criança  
e rasgar teia de aranha

poesia é a vingança da cigarra  
enforcar a última formiga  
nas tripas do último louva-deus

poesia é o império do ócio  
é trabalho e não negócio

pense num despejo  
não há poesia que resista  
à arquitetura retrô de um new-shopping-vertical  
faltam eufemismos  
quando viaduto vira casa  
e ponte se torna lar

eu só acredito num soneto sujo de terra  
perfeita métrica  
de alicate com cerca elétrica

you quer entender o que é poesia?  
o primeiro passo é desaprender gramática  
é preciso entender a lírica  
de cinco mil famílias exigindo moradia  
é preciso desmontar corretores  
para entender a semântica  
de uma mulher se tocando pela primeira vez  
aos quarenta e oito anos

quando inicio um verso  
converso  
com as dezoito mulheres  
que antes de mim  
sim  
tiveram fala estéril



poesia é mais do que denúncia  
é revide  
de mão fechada  
e peito aberto  
que sem pulmões  
um poema é abscesso

alerto  
caneta é artimanha de boteco  
poesia está no inverso  
é cicatrizar os pulsos  
erguer os punhos  
que renascer se faz na luta (Romão, 2019, p. 120-121).

O poema é constituído por nove (9) estrofes, apresentando 45 versos, que apontam como a voz lírica se manifesta, desestabilizando a estrutura social e a própria língua. Durante todo o poema, a poeta procura conceituar a poesia como uma arma, no sentido de que é possível conceber as imagens elaboradas como símbolo de luta e resistência: “poesia é a palavra em estado de lança-/ -chamas que faz mijar na cama/ quando não samba/ é lama em pé de criança/ e rasgar teia de aranha” (Romão, 2019, p. 120).

Quando a poeta diz que a “poesia é a palavra em estado de lança-chamas”, está se referindo ao seu estado “incendiário”, já que, assim como o lança-chamas, atua combatendo, sendo, ao mesmo tempo, instrumento de ataque e defesa. E isso acontece porque a poesia expressa sentimentos e denúncias que ardem e se atingem como fogo, podendo, inclusive, provocar medo, evidenciado quando a voz lírica diz que a poesia “faz mijar na cama” (Romão, 2019, p. 120).

Seguindo sua função desestabilizadora, a poesia também é o que desconstrói narrativas clássicas, como aparece em: “poesia é a vingança da cigarra/ enforcar a última formiga/ nas tripas do último louva-deus” (Romão, 2019, p. 120). Nesses versos, há uma referência explícita à fábula “A cigarra e a formiga”, na qual a formiga guarda comida para o inverno. Assim sendo, ela trabalha incansavelmente; já a cigarra não cede ao peso do trabalho esmagador e reconhece a importância de se divertir, cantando, dançando e se entregando ao ócio. Em razão disso, acaba, no inverno, passando frio e fome. Na intertextualidade, Luiza Romão (2019) reescreve a história e percebemos uma crítica ao elogio excessivo ao trabalho, central à lógica capitalista, pois quem triunfa, ao final, é a cigarra, que ainda consegue alimentar o “último louve-deus”, fazendo jus ao ditado popular de que “a esperança é a última que morre” ou, nesse caso, não morre, já que a esperança é um dos nomes pelos quais o referido inseto é conhecido.

Essa lógica contrária a uma espécie de produtividade insana, que não abre espaço para a vivência de outros âmbitos importantes da vida, continua na ideia de que a “poesia é o império do ócio/ é trabalho e não negócio” (Romão, 2019, p. 120). Em outras palavras, rompendo com a concepção de que a poesia é uma inutilidade que acontece tão somente como resultado da inspiração, a voz lírica lembra que fazer poesia é trabalho, mas um trabalho com a linguagem que acontece à margem das articulações capitalistas que visam apenas ao lucro.

Já os versos da quarta estrofe, “pense num despejo/ não há poesia que resista/ à arquitetura retrô de um new-shopping-vertical/ faltam eufemismos/ quando viaduto vira casa/



e ponte se torna lar” (Romão, 2019, p. 120), apontam para outro lado da poesia: suas limitações, ou mesmo sua impotência, diante do profundo abismo social que marca a sociedade em que vivemos: de um lado, caros e arrojados empreendimentos arquitetônicos; de outro, uma população que padece da falta de garantia de direitos básicos, como a moradia.

A sexta estrofe ilustra o quanto a poesia, ao menos essa poesia-manifesto que interessa à voz lírica, precisa ter os pés fincados na realidade circundante, buscando confrontar seus sistemas cruéis e injustos, como o capitalismo e o patriarcado. Para tanto, é preciso, no corpo do poema, desestabilizar um modelo mais normativo da língua e da lírica, bem como compreender a poesia enquanto experiência, nos termos concebidos por Audre Lorde (2020, p. 46): “Falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chamam de poesia – a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento”.

A sétima estrofe, por sua vez, toca em duas questões muito caras aos feminismos, a sororidade e a ancestralidade, ao fazer referência às mulheres que vieram antes e que tiveram “fala estéril” (Romão, 2019, p. 121). Em relação a essa construção, não podemos perder a sutileza dos seus sentidos, já que é possível interpretá-la de duas formas: como o silenciamento ao qual essas mulheres foram submetidas, mas também como a existência de uma fala, mas que não é alvo de um processo de escuta, uma fala que não circula, que não repercute. Sendo assim, a possibilidade de expressão da voz lírica por meio do poema é também uma maneira de dar vazão e fazer justiça à voz dessas outras mulheres, é um modo de, mais do que de denunciar, revidar, pois, ao olhar da poeta, poesia não é só expressão, ideia, mas também ação, revide.

Essa concepção da poesia como revide convoca, obrigatoriamente, a presença do corpo, a preparação deste para encarar e encarnar a luta de “mão fechada/ e peito aberto” (Romão, 2019, p. 121); a “mão fechada” é uma imagem que tanto remete ao ato de escrever quanto a um gesto de luta, já o “peito aberto” também simboliza esse mesmo gesto, fazendo referência à coragem de partir para um enfrentamento direto, ao mesmo instante em que aponta para a poesia como um espaço de respiro, inclusive para renovar o fôlego para a luta.

Por fim, a ideia de poesia como revide é ampliada ao final do poema, quando os gestos referentes à ação da luta são radicalizados por meio da imagem dos punhos erguidos, ainda que, para que isso se torne possível, seja necessário cicatrizar feridas abertas, que podem ter sido causadas pela necessidade dos vários enfrentamentos feitos aos sistemas que, historicamente, oprimem e violentam os sujeitos minorizados. Assim, em diálogo com o que já vinha sendo posto na estrofe anterior, a poesia é espaço de luta e de vida face às políticas de morte: “é cicatrizar os pulsos/ erguer os punhos/ que renascer se faz na luta” (Romão, 2019, p. 121).

## Considerações finais

A partir dos poemas analisados, alcançamos uma amostra da potencialidade do *poetry slam*, movimento estético-político que ganhou força no século XXI, destacando a questão do uso da palavra, dentro dos planos da fala e da escuta, como elemento de (auto)afirmação da vida de corpos, especialmente de mulheres, marginalizados pelo sistema capitalista-patriarcal.

Nesse sentido, a antologia *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* é uma produção que confirma a força do movimento *poetry slam* feito por mulheres no cenário nacional, evidenciando as opressões sofridas por sujeitos minorizados e promovendo a expressão da experiência de cada poeta em um gesto de aproximação com esses sujeitos. E tudo



isso é feito registrando, no corpo lírico, suas vivências e utilizando o espaço do poema como denúncia e revide.

Por fim, salientamos que a produção dessas mulheres na literatura brasileira repercute em vozes capazes de questionar e desestabilizar padrões sociais, contribuindo para a quebra de silenciamentos históricos e alargando um conceito de liberdade de expressão por meio da manifestação artística.

## Referências

ALMEIDA, D. Eu, manifesto. *In*: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> Acesso em: 4 jul. 2023.

D'ALVA, R. E. *SLAM*: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360/0>. Acesso em: 4 jul. 2023.

DUARTE, M. (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, C. Prefácio. *In*: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LEÃO, R. Não serei anônima. *In*: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LORDE, A. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PUÃ, B. Não. *In*: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos Plurais).





ROMÃO, L. Manifesto. *In*: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SILVA, D. R. da. A impetuosidade das vozes na poesia: as poetas e o poetry slam. **Organon**, Porto Alegre, v. 34, n. 67, 2019. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/99278/55641>. Acesso em: 4 jul. 2023.

TIBURI, M. **Feminismo em Comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VOLMER, L.; SOUZA, S. da S.; CONTE, D. Slam: poesia e performance de resistência. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 16, n. 1, p. 57-77, jan./abr. 2020. DOI:  
<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v16i1.10348>. Acesso em: 4 jul. 2023.

